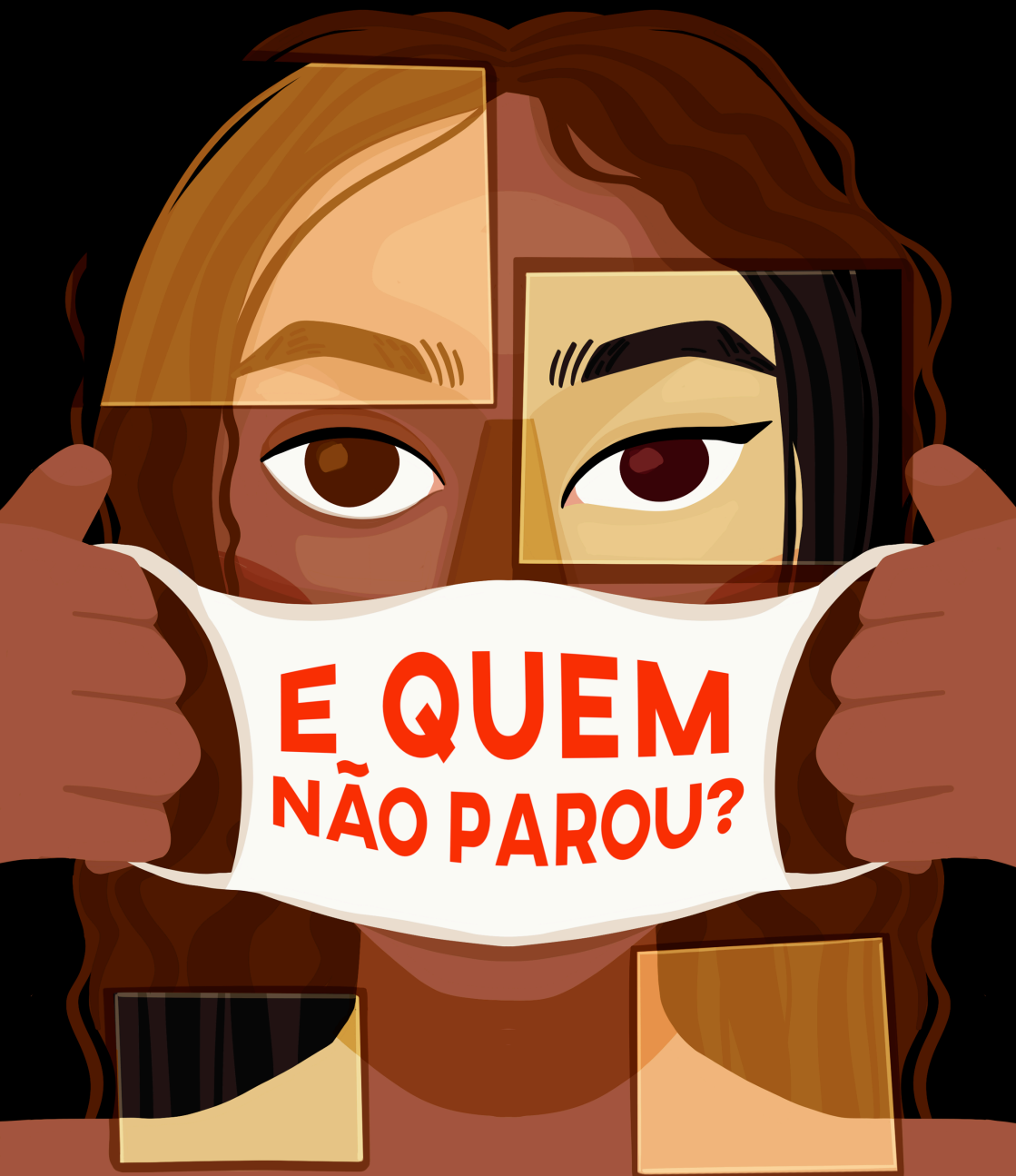


LUÍS RICARDO DA SILVA  
MARINA BORGES



Histórias de trabalhadores que não pararam  
durante a maior crise sanitária do século



**E QUEM  
NÃO PAROU?**



**LUÍS RICARDO DA SILVA  
MARINA AULICÍNIO BORGES**

# **E QUEM NÃO PAROU?**

Histórias de trabalhadores que  
não pararam durante a maior  
crise sanitária do século

**ORIENTADO POR  
JOSÉ CARLOS MARQUES**

B732q

Borges, Marina Aulicínio

E quem não parou? : histórias de trabalhadores que não pararam durante a maior crise sanitária do século / Marina Aulicínio Borges. -- Bauru, 2022

98 p. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Comunicação Social: Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru  
Orientador: José Carlos Marques

1. Trabalho. 2. Pandemia. 3. Covid-19. 4. Jornalismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), do Departamento de Comunicação Social (DCSO) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” —, para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador(a) do projeto experimental  
Profº Drº José Carlos Marques

Capa, ilustrações de miolo e peças gráficas  
Luiza De Rosso

Diagramação  
Marina Borges

*Para todos os trabalhadores formais e  
informais que não puderam parar e fazer  
isolamento social durante a pandemia  
de Covid-19 no Brasil. Para cada brasileiro  
que enfrentou essa pandemia  
do jeito que pôde,*

Luís Ricardo e Marina





# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** \_\_\_\_\_ **11**

**"DINHA"**

Empregada doméstica \_\_\_\_\_ **17**

**SILVIO**

Vendedor ambulante \_\_\_\_\_ **31**

**"OSNI"**

Porteiro \_\_\_\_\_ **49**

**ADRIELLE E ISABELLA**

Entregadoras de delivery \_\_\_\_\_ **61**

**TALITA**

Motorista de aplicativo \_\_\_\_\_ **75**

**NATALINA**

Enfermeira \_\_\_\_\_ **87**



# INTRODUÇÃO

Dia 11 de março de 2020. Foi nesta data que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de pandemia da Covid-19. A partir desse momento, as relações mudaram, mesmo que aos poucos e ainda sob muita relutância. Foi preciso nos adaptarmos à ideia do invisível como perigoso. É o tipo de guerra que envolve não somente burocratas e engravatados dentro de salas espaçosas e confortáveis, mas também o povo.

Do oriente ao ocidente, os que comandam tiveram que finalmente falar uma voz uniforme, traçar planos e saídas que envolvessem a população, embora tenhamos exceções, com destaque à nossa versão tupiniquim. O soberanismo e a ideia de Estado-Nação, concebidos séculos atrás, foram corrompidos. E isso por um vírus de cadeia global, tão invisível quanto o grosso de trabalhadores

que formam esse tal mundo globalizado e tecnológico, alicerçado aparentemente nas desigualdades.

Para sobreviver ou evitar a catástrofe do nosso tempo, tivemos que esvaziar ruas, estabelecimentos, praças, obras, eventos. Pararmos e reduzirmos — concepções estas que contradizem o cerne do capitalismo predatório, que incita o acúmulo, o movimento e o consumismo em detrimento à sustentabilidade e ao desenvolvimento consciente, mesmo que isso possa um dia significar o fim da espécie humana.

Como sintoma desse mundo que vivemos, o principal problema para os tecnocratas da política passou a ser o trabalho. Não a saúde e a segurança nas ruas, não a fome e a consequente escalada da desigualdade, não a educação e o possível atraso para gerações futuras. A dúvida pairou, em suma, sobre maneiras de como continuaríamos em movimento ou sobre por que não deveríamos parar.

Na pandemia do vírus, as relações mudaram, em especial as de trabalho. A maioria dos que tiveram a chance de ficar entre paredes durante a maior parte desse tempo para se proteger do vírus viveu uma experiência inédita na trajetória humana: a de estar 24 horas dentro de casa. Sim, aqueles que têm a chance de trabalhar no sistema de *home*

*office*, o que significa trabalhar a partir da sua casa, são privilegiados num planeta encurralado pelo vírus.

E pensar sobre a desigualdade nos tempos de pandemia é pensar sobre quem pode desempenhar suas funções profissionais “remotamente” e quem não pode. A maioria dos que não podem trabalhar remotamente é composta pelos mesmos que têm mais chances de figurar em todas as piores estatísticas: os mais pobres, os negros, as mulheres.

Afirmar que a pandemia expõe e agrava a desigualdade social, de raça e de gênero é uma obviedade que várias pesquisas vêm comprovando desde 2020. A iniquidade abissal do Brasil — e, em menor escala, da maioria dos países do planeta — impõe como privilégio aquilo que é um direito básico: o de ser capaz de se proteger de uma ameaça.

Neste livro, tentamos trazer pessoas que se movem independentemente do tempo, das estatísticas e dos burocratas. E que também se moveram em meio à pandemia do século. E não estamos aqui para julgá-las, condená-las ou glorificá-las por suas atitudes. E esperamos que você, leitor, possa fazer o mesmo.

Queremos que vocês passem conosco pelas histórias que moldam não somente o trabalho dessas pessoas, mas também o caráter e a

necessidade de nosso povo. Escrever sobre esse tempo em que estivemos isolados é uma das melhores formas de matarmos essa distância que se manifestou de tantos modos e trejeitos.

Teremos Dinha, Silvio, Osni, Isabela, Adrielle, Talita e Natalina. Uma mistura de personagens brasileiras que fomentam a eterna luta de nosso povo. Independentemente de como você tenha passado esse período, esperamos que carregue consigo a dúvida sintomática da pandemia: “**e quem não parou?**”.







# "DINHA"

## Empregada doméstica

Falar com a Dinha sempre foi fácil. Falar sobre a Lindaci, nem tanto. A Dinha tem uma história que se mistura com as de outros brasileiros que formaram o estado de São Paulo. Ela é nordestina. Mais precisamente pernambucana. Veio tentar a vida nessa locomotiva. Mais precisamente na região do centro-oeste paulista, na cidade de Bauru. Lá no fundo, isso remete às nossas raízes, mesmo que não saibamos bem o quão intrínseco esse roteiro se faz presente na história de nós, brasileiros.

Diversas pessoas vivenciaram a mesma jornada que a Dinha. Pisaram em São Paulo por volta dos 20 anos. E assim como ela, não deixaram as raízes de onde vieram para trás. E foi justamente na cozinha que a Dinha compartilhou essa história com a gente. Enquanto preparávamos um cuscuz nordestino, as

marcas dessa imigração se fez presente quando o chamamos apenas pelo nome que conhecemos: cuscuz. A árvore genealógica de nossa história tinha o tempero daquele prato que compartilhamos, bem como a história da amizade que iniciamos.

Para conhecer a Lindaci, precisávamos fazer o caminho inverso ao qual Dinha percorria de segunda a sexta antes da pandemia. Após nosso desencontro inicial, perdidos em ruas paralelas, descemos até a Nações Unidas e de lá pegamos um ônibus em direção ao centro de Bauru. Em plena pandemia, espremer-se dentro do transporte público não é uma das coisas mais aconselháveis.

De dentro, é perceptível aquele cenário caótico, que só perde para o mundo aqui fora. A respiração sai menos ofegante, por vezes se cessa, e os olhos se resumem a janelas e máscaras. Desde o “boa tarde” abafado ao motorista; ao “boa tarde” sussurrado de volta. Ditos abafados e sussurrados, como quase tudo que se é proclamado no mundo de máscaras.

Após 7 ou 8 minutos, descemos no centro da cidade. Como constava naquela última orientação da Dinha pelo celular, era preciso um segundo ônibus. Porém, todos eles eram iguais para nós. Atendem por nomes de bairros que não conhecemos ou de lugares que não estivemos. Até o próprio veículo em si tinha

um aspecto diferente dos demais que conhecíamos — que não eram muitos, por sinal. Em torno de 3 a 4 linhas. Talvez fosse a porta, a catraca, o motorista ou simplesmente o mais provável, nós dentro daquele ônibus que tinha o itinerário Unesp como ponto de partida e chegada.

Em 4 anos de Bauru, um dos grandes arrependimentos é justamente esse: uma cidade limitada. Mas limitada por nós mesmos. Nossa culpa à parte, não estamos sozinhos nessa. A cada quatro estudantes forasteiros dessa cidade, cinco não conhecem mais do que o mosaico de ruas que interligam as Avenidas Nações Unidas, Getúlio Vargas, Duque de Caxias e Rodrigues Alves.

Um quadrado mágico que aprisiona histórias e vivências. Só percebemos essa heresia do “morar sem conhecer” quando nos deslocávamos até um bairro de baixa densidade demográfica de universitários. Lá, sentimos que caminhamos pela Bauru de alguém. Talvez a Bauru de Dinha? Atrasados? Ok. Mas finalmente estávamos em busca dessa Bauru.

Após outros 7 ou 8 minutos de viagem e mais um ônibus, é claro, finalmente chegamos à casa da Dinha. A recepção tinha olhos atentos que perfuram o portão e ficam à mercê da nossa chegada. É uma rua extremamente movimentada, com carros, motos,

ônibus, caminhões e animais de rua, com tudo. Exceto pessoas. Uma típica avenida do urbanismo do nosso século. Antes de qualquer outro comentário, Dinha logo demonstra sua particular preocupação com a nossa demora. Pergunta se foi tranquilo achar a “*Rua São Sebastião, no Jardim da Grama*”, visto que “*não tem mistério no caminho*”.

E ela tem razão. O ônibus corta quadra a quadra da rua, indo impreterivelmente de ponto A a ponto B, “*sem mistério*”, como diz a nossa Dinha. Ela também pergunta sobre o ponto de ônibus, afinal, “*quando o mato tá baixinho, você consegue enxergar ele da outra ponta da rua. quando não, fica difícil até pra pedir pro ônibus parar ali*”.

Por fim, mas não menos atenciosa nas suas preocupações, pergunta se gostaríamos de um café ou de uma água e, mesmo antes de nossa resposta, já se desculpa por ter somente aquilo a oferecer, “*se eu soubesse tinha preparado algo melhor pra vocês*”, inevitavelmente essa é a Dinha.

Estávamos finalmente de frente com a Dinha. Mas para conhecê-la de verdade, era preciso conversar com a Lindaci Alves da Silva, nome que descobrimos logo após a primeira pergunta. Que louco não? Após três anos, finalmente sabemos o verdadeiro nome dela. Apesar disso, não há por que nos

sentirmos mal. Sabemos que o seu nome, ao contrário da “*Rua São Sebastião, no Jardim da Grama*”, é um verdadeiro mistério para forasteiros como nós. Na verdade, descobri-lo em meio a uma conversa com a própria Dinha deve ser algo que há anos não acontecia.

Antes mesmo de sentar, nossa curiosidade se volta à recuperação dela. Duas semanas antes da nossa conversa, ela passara por uma cirurgia depois de mais um princípio de infarto. Em resumo, ela fez uma angioplastia, também chamada cateterismo, que é uma forma de restabelecer a circulação sanguínea. O procedimento é feito por meio de um tubo, chamado cateter, que é colocado em uma artéria da perna ou da virilha e que percorre o corpo até o vaso sanguíneo que está afetado pelo coágulo e sofrendo o infarto. Não foi exatamente com essas palavras, mas a Dinha conseguiu deixar claro o quão invasiva essa definição do procedimento poderia ser.

E não foi a primeira vez que isso aconteceu. Há 8 anos, ainda na antiga república Babilônia, enquanto preparava mais um almoço de um dia de semana qualquer, ela sentiu o mesmo formigamento no corpo. Esse tipo de dor que nos toma pelo braço. E aqui literalmente. (Parênteses à parte, a Dinha tem uma dimensão de cuidado e valorização do trabalho que

às vezes ultrapassa o limite. Em toda oportunidade de relembrar essa história, ela ressalta não somente o fato de ter chegado ao Pronto Socorro de moto táxi em meio a um infarto, mas também se vangloria de ter finalizado o almoço naquelas condições, “*não ia deixar meus meninos na mão*”, afirma compulsoriamente em todas às vezes em que “requeenta” essa história, como aquele prato de feijão que está prestes a passar do ponto).

Assim como na sua primeira ocorrência desse tipo, sofreu sozinha. Ficou uma noite em claro com dores no braço, mas não quis incomodar ninguém. Esperou o primeiro raio de luz dar vida à cortina com estampa de mulher seminua que recobre sua janela para chamar a pessoa mais próxima. Felizmente se recuperou após esse baque, mesmo que isso tenha vindo, como ela mesmo deixa escapar, de uma família “*com histórico de câncer e infartos*”.

Pois é, aos 17 anos, ela viu a mãe morrer de infarto fulminante. Dois anos depois, foi a vez de ver seu pai falecer por conta de um câncer. Dos dez irmãos, sete mulheres e três homens, viu uma das suas irmãs também padecer frente à genética da família. Mais uma vítima do câncer.

Para finalizar, em meio às feridas, ainda conta ter perdido uma sobrinha para a doença. De

qualquer forma, consegue tirar um tempo para ironizar justamente o que a genética não consegue explicar, “*meu pai fumava, bebia, não tava nem aí, minha mãe nunca fumou, nem bebeu e foi embora antes com um infarto fulminante*”.

Irmã de muitos irmãos, Dinha mantém proximidade apenas com uma delas. Essa companheira de sangue mora a algumas quadras dali. Em diversas oportunidades, sobretudo após cada problema de saúde das duas, discutem a possibilidade de morarem juntas. Dinha sempre rechaça. Prefere o aconchego da solitude — mesmo que isso venha acompanhado de um aluguel mensal e da necessidade de não parar na pandemia. “*só me sinto livre assim*”, se defende.

É importante ressaltar que a verdadeira liberdade para ela se manifestava quando podia dividir festas e encontros com amigas da mesma idade e orientação sexual, “*saudades mesmo eu tenho de sair com as minhas meninas... dar aquela namorada*”. A cada praguejada que solta a respeito da pandemia, fica nítido que morar sozinha nunca foi um problema. Viver talvez sim. Essa foi a maior ceifada que a pandemia lhe deu.

E isso automaticamente nos faz lembrar do momento em que descobrimos a pandemia ao seu



lado. Naquele fatídico dia, dividimos o caminho até o ponto de ônibus. Ela indo para a casa, e nós, para a faculdade. Durante a conversa, o assunto era o “*cacareco*”, como ela gostava de nos intrigar toda segunda-feira contando sobre o local que estivera no fim de semana com as amigas. Você não sabe o que é o cacareco? Também não tivemos tempo de descobrir. A princípio, um local com karaokê. Ao menos, é esse o resumo que temos até aqui.

De resto, continua um grande mistério que por pouco não foi desvendado naquele março de 2020. No final de semana em questão, haveria um baile em referência a músicas dos anos 70 e 80. Alguns meninos da república Risca Faca se animaram com o convite da Dinha. Conheceríamos enfim o cacareco. “*a gente iria no baile do flashback, mas essa bosta de pandemia acabou com tudo. tava tudo certo já*”, resume enfaticamente Dinha em nossa conversa.

O baile não aconteceu. Não apenas o cacareco se fechou, mas o mundo. Máscaras, álcool em gel, *lockdown*, um verdadeiro mundo de “*cacarecos*” para quem não sabe o que é um cacareco. Puro desconhecimento. Desta vez não teve karaokê.

A Dinha faz parte do grupo de mais de 6 milhões de trabalhadores domésticos brasileiros. A maioria não tem carteira assinada, e ela é mais um desses exemplos.

Na Risca Faca, ambiente que permeiou nossa graduação, decidiu não ser registrada por uma questão burocrática. Felizmente, sempre foi possível dar-lhe férias remuneradas e o 13º salário, alguns dos poucos direitos da classe trabalhadora ainda assegurados em lei.

Durante os primeiros meses da pandemia, tudo foi mantido, inclusive o sumiço da república. Porém, a Dinha é teimosa e aos poucos foi aparecendo, “*eu não aguento mais ficar em casa sozinha*”, esbravejava por baixo da máscara do Corinthians em seu rosto. Mesmo que estivessem apenas em dois ou três pela casa, visto que a maioria voltou para o lar dos pais, naquele momento estar lá em contato com os estudantes a afastava de uma angústia; angústia esta que todos nós sentimos em algum grau na pandemia, agravada principalmente pela falta de uma rotina.

E não, não queremos aqui superestimar o valor do trabalho, colocando-o como função motora de nossas vidas, embora inconscientemente assim o seja para muita gente. Infelizmente ainda existe a ideia no nosso imaginário de que quanto menor a escala social da profissão, maior pode ser a assimetria na relação de poder que existe entre patrão e funcionário. Em especial, num país desigual como o nosso.

Por isso, é preciso lembrar que essa relação assimétrica foi, por exemplo, responsável pela

primeira vítima da Covid-19 no Rio de Janeiro ter sido justamente uma empregada doméstica. Uma mulher de 63 anos que pegou a doença da patroa após esta decidir deixar o solo italiano por conta da explosão de casos por lá. A empregada não teve autorização para parar nem mesmo diante do caos que ali se iniciou e já tinha sido vivenciado por sua patroa.

A Dinha procurava maneiras de se manter longe desse mundo pandêmico, mas para isso precisou vivenciá-lo da pior forma, expondo-se ao vírus. Após alguns meses em casa, voltou a ativa. Ia duas vezes por semana numa república e escolhia um terceiro dia para frequentar outra, “*eu sentia muita falta, tava ficando doente*”, refuta as contestações à sua decisão.

O retorno foi gradual. Entre as estratégias para evitar a contaminação pelo vírus, a lista abarca desde recomendações da OMS, como o uso de máscara, álcool em gel e tudo mais que você provavelmente escutou e leu em algum lugar, mas também outras curiosidades: motorista de aplicativo para ir e/ou voltar do trabalho — quando não a sua querida viagem de moto táxi. “*meus meninos pagavam e às vezes me levavam também*”, conta.

Quando não queria incomodar, traço inerente à sua personalidade, pegava os ônibus fora dos horários de pico, “*eu ia depois, lá pras 9h, 10h da manhã*”

*porque sabia que os ônibus iam tá mais vazio*”. Durante a sua jornada, cozinhava, limpava e lavava. Na pandemia, preparava somente a comida que, sob muita modéstia, dizia ser simples. Sempre que perguntávamos sobre a origem dos seus dotes culinários, sintetizava com um *“aprendi com a vida”*. E assim foi para quase tudo.

Aos 20 anos veio para Bauru, onde constituiu um lar e uma identidade. Em meio à conversa, mostra as primeiras fotos com o seu tradicional cabelo curto, *“essa aqui eu parecia o Chitãozinho e Xororó”*, como não deixa negar a imagem de 1999. Aos poucos, abre o coração que foi fechado após passar por um relacionamento amoroso conturbado nos últimos anos com a ex-namorada, que a abandonou e voltou algumas vezes até finalmente Dinha colocar um fim na relação.

*“a gente tinha tudo, mas ela não valorizou”*, desabafa. E tinham mesmo, incluindo os problemas de qualquer relação que são forjados e muitas vezes não esquecidos nem mesmo com o tempo, *“ela foi pra Guarulhos atrás de outra, depois queria voltar, mas eu deixei de ser trouxa”*, arremata Dinha, que ainda acrescenta *“não quero nem que ela passe no meu portão, imagina entrar”*, quando perguntamos sobre uma reconciliação.

Ironicamente, no dia de nossa conversa,

Dinha quase reencontrou a sua primeira namorada. A hoje amiga Suely, por quem fora apaixonada aos 26 anos de idade, estava na casa de sua irmã. Por desencontros do destino e horários dos ônibus, esse reencontro não aconteceu.

Embora o primeiro relacionamento só tenha sido já próximo aos 30 anos, Dinha deixa claro que desde cedo sabia que era lésbica. Recorda que por volta dos 11 ou 12 anos deu seu primeiro beijo numa outra menina. Apesar de não considerar um “assunto de seu tempo”, nunca reprimiu sua orientação sexual, que também veio acompanhada de uma reorientação quanto ao seu gênero.

Embora não tenha optado por ter um nome social, nem pelo pronome “ele”, Dinha se vê desde a adolescência como homem e lembra dessa transição por meio da simbologia do cabelo, “*comecei a cortar o cabelo curto em 1996*”. Mostra orgulhosamente uma série de fotografias nos porta-retratos espalhados pela casa de quando tinha 20 e poucos anos; e logo na sequência emenda fotos suas aos 50 anos já no seu moderno celular e brinca com a canção de Roberto Carlos afirmando após cada imagem: “*esse cara sou eu*”. A deixa perfeita para cantarmos.

Já fazia alguns meses que ela se indignava com o fato de não conseguir ligar o seu apare-

lho de karaokê. Ela tinha o microfone, o computador, a caixa de som e, acima de tudo, a vontade de espantar a solidão por meio do canto abafado pelos meses de máscara. Após aquele som de Roberto Carlos, mexeu e remexeu nos fios, conectou o microfone na caixa de som e o computador na TV.

*“tá vendo, dimenó? ou sai o som da nossa voz do microfone ou da música na TV”*. Como o bom técnico que todo jovem na casa dos 20 anos deve ser para os mais velhos, nós também mexemos e remexemos. Não mudou muito. Mas a nossa insistência frente a coisas tecnológicas talvez só perca para a persistência da Dinha na busca pelo seu canto.

Enquanto buscávamos uma solução, Dinha aquecia a voz e nos intrigava, então questionamos se ela já havia cantado profissionalmente. Dinha responde que só pela vida, e talvez por isso seja tão especial escutá-la alternar com tanta destreza entre os ritmos musicais. Quando, enfim, resolvemos o problema do karaokê, Dinha aumenta o volume e nos faz mergulhar ainda mais em seu mundo. Entre um pagode e outro cantado, percebemos, enfim, que o cacareco nunca foi um lugar desconhecido para nós.



# SILVIO

## Vendedor ambulante

*“olá, tudo bem? já conhece? tem cachorro-quente simples, completo... esse vem uma salsicha, vinagrete, ervilha, batata palha, um purezinho caseiro e condimentos. o de R\$ 10 vem duas salsichas, milho, ervilha, vinagrete, batata-palha, purê caseiro e condimentos.”*

É assim que o vendedor de cachorro-quente Silvio Manoel de Souza, de 42 anos, aborda a freguesa que chega no seu carrinho. E logo de cara fica nítido para nós o carinho que ele tem pelo que faz, bem como o cuidado que tem com os clientes.

— *“cuidado aí!”* — Exclama o vendedor, preocupando-se com a integridade física da freguesa que ia fazer o pedido. Afinal, seu carrinho fica postado em uma esquina movimentada.

O trabalho exercido por Silvio escancara um índice que disparou nos últimos tempos. Em meio ao



segundo ano pandêmico, o país alcançou uma taxa de informalidade de 40,6% no mercado de trabalho em junho de 2021, com 35,618 milhões de trabalhadores atuando informalmente, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgados pelo IBGE. Silvio dá forma à estatística, sendo mais um brasileiro sem carteira assinada. Mas assim como tantos outros cidadãos desse país, ele é um daqueles que não desistem nunca.

Natural de Marília-SP, tendo vivido quase metade da vida em Campinas-SP, o vendedor chegou em Bauru, mais uma cidade do interior paulista, no final de 2019 para recomeçar a vida ao lado de seu novo amor, quando ainda nem sonhávamos com o caos sanitário que assolaria o país devido à pandemia do novo coronavírus.

Na bagagem, Silvio trazia esperança, fé e muita disposição. Com três crianças e um jovem adulto em casa, filhos da atual esposa — os quais se tornaram filhos para Silvio também, uma necessidade vinha à tona: colocar comida na mesa e pagar as contas. Mas a realidade era desanimadora e escancarou um número que foi crescente no Brasil: o do desemprego. Silvio era mais um entre os 13,4 milhões de brasileiros que não encontravam serviço no país durante o primeiro

ano de pandemia, segundo dados da PNAD, divulgados pelo IBGE.

Diante disso, junto de sua esposa, alugou uma casa espaçosa, com uma área grande, localizada na Duque de Caxias (avenida de Bauru), com a pretensão de não utilizar o imóvel apenas para fins de moradia. O objetivo era ter seu próprio negócio no setor alimentício, atuando como chapeiro. Assim nasceu a lanchonete “Silvio Lanches”, da qual ele conta com orgulho. *“coloquei funcionários de dia, motoqueiros à noite, e eu trabalhava com a minha mulher na lanchonete, como chapeiro, cozinheiro. sempre trabalhei com alimentação”*.

Com cerca de três meses da inauguração da lanchonete, tudo estava indo muito bem. Até que, em março de 2020, a OMS declarou pandemia do novo coronavírus, e a mudança de classificação obrigou o Brasil e outros países a tomarem atitudes preventivas, como o fechamento das portas de estabelecimentos que não prestam serviços essenciais.

As mesas que ocupavam a área da casa de Silvio e sua esposa saíram de cena e a lanchonete foi lacrada. Com a queda do movimento, funcionários foram despedidos e o jeito foi apostar tudo no *delivery*. *“durante o dia começou a não virar. eu falei pra minha esposa ‘precisamos trocar figurinha’. o salgado da estufa co-*

*meçava a ficar de um dia pro outro, não estava legal. aí eu falei ‘mor, ta começando a sobrar, tamo começando a perder’”. Sem dinheiro para pagar um motoqueiro, Silvio ficou responsável por fazer os lanches e entregá-los na casa dos clientes. Mas a situação piorou quando ele teve seu carro apreendido por não ter transferido o veículo para o seu o nome no tempo determinado.*

Na época, os procedimentos estavam demorando mais para serem realizados por conta da situação atípica do país. Então, ao ser parado na estrada, os policiais apreenderam seu carro, pois o antigo dono bloqueou o veículo. Silvio pagou R\$ 13 mil à vista no carro, mas precisaria de R\$ 6 mil para tirá-lo do pátio do Detran. Mas de onde tirar esse dinheiro? Mal estava dando para sobreviver durante o período.

Parar abrir o empreendimento “Silvio Lanches”, ele e sua esposa investiram R\$ 10 mil para começar a vender os sanduíches, mas pararam de ver retorno financeiro. Com isso, restou uma saída: fechar a lanchonete. As portas fechadas do estabelecimento implicaram em seis demissões: três motoqueiros, um atendente e duas funcionárias responsáveis pelo balcão e pela limpeza do local.

Sem renda, Silvio passou a buscar trabalho, mas não achava nada, ficando dependente do salário

da esposa. “*ela vendia trufas, mas não tinha ninguém na rua*”. Então, tiveram que começar a cortar gastos. Como a casa que alugavam era grande, pensada para a lanchonete, o aluguel era alto, e os pagamentos começaram a ficar atrasados. O jeito foi se mudarem para uma casa mais barata que estava para alugar, ao lado do imóvel em que estavam morando. A família ia sobrevivendo com o salário da esposa de Silvio e com a pequena ajuda que sua mãe mandava de Marília, “*cesta básica e um dinheiro*”.

Filho único, Silvio tem cinco filhos do primeiro relacionamento: Wallace, Wallister, Wallifer, Wallisan e Willian, e ganhou mais seis quando foi morar com a atual esposa: Josiane e Carolina — duas moças casadas que já saíram de casa — e outros quatro que moram com eles: Fábio, de 5 anos; Giovana, de 13; Débora, de 14; e Eduardo, de 18. “*sempre tive o sonho de ter uma menina, tenho cinco homens. aí Deus me deu agora duas meninas e duas moças. as menores que moram com a gente cuidam muito de mim. eu amo muito elas*”.

Mas novamente colocar comida em casa tornou-se uma preocupação. “*eu falei ‘mor, vamos tentar fazer alguma coisa de novo’. estava mais maleável a pandemia e decidimos tentar investir em alguma coisa. minha esposa é aposentada e conseguiu um*

*empréstimo de R\$ 4 mil, aí investimos em uma marmitaria. eu comprei chapa, balcão, fogão industrial, tudo de novo, porque da outra vez vendemos tudo”.*

Ele e sua esposa montaram as coisas na própria casa nova e contrataram um motoqueiro. Silvio cozinhava as marmitas e, conforme o movimento foi melhorando, colocaram uma atendente para retirar os pedidos. Eram vendidas em torno de 40 marmitas por dia e a maioria dos clientes eram funcionários de empresas, os quais realizavam o pagamento das marmitas quinzenalmente. *“aí eu me enrolei, os patrões demoravam para pagar eles por conta da pandemia e eles enrolavam para me pagar, aí fiquei com dívidas. o movimento foi caindo e com as restrições da pandemia ficou ainda mais difícil”.*

O fantasma do que aconteceu com a lanchonete Silvio Lanches assombrava novamente a família. *“quando eu vi que não tava mais dando, que a parede tava cheia de dívidas, que não tava mais virando aquela coisa toda, eu falei pra minha esposa ‘não dá, nós estamos investindo e não estamos vendo retorno. eu ia no mercado gastava 300, 400 reais e não via retorno. pagava atendente e motoqueiro e o que era pra sobrar pra gente eu via ficar tudo no mercado. eu via dinheiro daqui a pouco eu não via mais nada”.* Zerados, tive-

ram que fechar a marmitaria.

A essa altura da conversa, pensávamos como tudo estava dando errado na vida de Silvio e dos seus. E o que faz essa realidade ser ainda mais dura é voltar os olhos para os noticiários e para as situações de outras tantas famílias e constatar que o desemprego, a miséria e a fome eram uma constante em tantos lares brasileiros. Para além de triste, chega a ser revoltante.

Segundo um balanço feito pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), cerca de 300 mil negócios de alimentação fora do lar fecharam as portas definitivamente em 2020. Ou seja, o Brasil perdeu três em cada dez negócios voltados à alimentação fora de casa ao longo do primeiro ano pandêmico — foi o que aconteceu com Silvio, que teve que fechar seus dois estabelecimentos alimentícios por conta da pandemia.

Mas como bom brasileiro persistente, não é que ele não se deu por vencido, não havia opção para a desistência. E nesse momento, mais uma deficiência social do Brasil fica às mostras. Desamparado e sem rumo, Silvio não tinha para onde correr. Não tinha para quem pedir ajuda. Não tinha o privilégio de sequer pensar no que fazer, precisava agir. E rápido. Após o fechamento da marmitaria, fica nítido pelo

tom de sua voz que os sentimentos que permearam os dez dias seguintes sem trabalho foram angústia e preocupação, afinal, não fazia ideia de como ganhar o pão de cada dia.

Com as mesmas esperança e fé que trouxera na bagagem ao se mudar para Bauru, Silvio se reinventou mais uma vez e se jogou em uma nova tentativa de ajudar a sustentar o lar e pagar as contas. “*mor, vamos embarcar em outra. o negócio tá feio*” — disse para a esposa. Venderam o fogão industrial e guardaram o resto dos equipamentos da marmitaria.

Com o dinheiro arrecadado, ele precisou dar um *notebook* para inteirar os R\$ 800 correspondente ao valor de sua nova aposta: um carrinho de cachorro-quente, o qual é deslocado diariamente para uma esquina da Avenida Rodrigues Alves e que chamou nossa atenção quando estávamos andando pelo centro de Bauru — e que fez pararmos na esquina e convidar Silvio a compartilhar sua história com a gente.

Assim ele deu início à sua nova empreitada. O investimento, dessa vez, foi bem mais baixo, assim como o custo para mantê-lo funcionando. Segundo o próprio, o negócio está dando certo e Deus está o abençoando nesse novo serviço. “*Bauru não tem cachorro-quente com pão puro e caseiro. eu tô postan-*

*do no Face, nos grupos, e tá arrebentando! todo mundo diz: 'Silvio, você que é do purê caseiro? tá todo mundo comentando, falando que é gostoso, eu quero também'. graças a Deus deu certo, eu arrumei um ponto bom, com o material certo, porque esse lanche não tem em Bauru, só em Campinas, São Paulo e algumas outras cidades. tem aqueles lanches de chapa, mas totalmente diferentes.”*

Ficamos impressionados com aquele produto sendo vendido no Centro de Bauru. Nunca tínhamos visto um carrinho de cachorro-quente “raíz” na cidade-lanche até aquele momento. Para quem vem do interior do estado de São Paulo, não é incomum avistar esse tipo de empreendimento, principalmente em praças e jardins, mas em Bauru nunca tínhamos nos deparado com esse lanche. E é claro que não podíamos deixar de experimentar o *hot dog* completo que, com a ênfase no purê caseiro, tornou-se uma tentação.

Ao saborear o cachorro-quente bem recheado, não tivemos dúvidas de que o principal ingrediente que Silvio utiliza não é a salsicha, mas sim a paixão pelo que faz. O orgulho de servir um alimento saboroso e bem preparado para os seus clientes, com o toque de simplicidade que encanta quem por lá pas-



sa. Ali, naquele ponto, quantas pessoas não circulam diariamente buscando algo para comer no intervalo do trabalho ou um lanche para levar para casa após o expediente? Muitas.

*“vai devagarzinho, quando dá umas 16h30 começa a ter mais movimento. às vezes chega família com criança e fala ‘eu vi no Face e vim comer’. comecei pedindo cinco pacotes de pão. no primeiro dia não deu, no segundo também não, aí eu fui aumentando. ontem pedi oito pacotes de pão e às 16h já tinha acabado. um monte de gente falando que trouxe o filho pra comer, mas não tinha como repor naquele dia, eu tive que ir embora. agora já aumentei para 20 pacotes de pães”, conta Silvio com orgulho.*

Logo no primeiro dia da nova empreitada — a qual vale destacar que de gourmet não tem nada — Silvio faturou R\$ 400. Pode não parecer muito para você que está lendo, mas se pararmos para pensar que ele não tem gastos com funcionários e estabelecimento e que os alimentos que vão no cachorro-quente são mais acessíveis, foi uma quantidade e tanto para sua estreia no Centro de Bauru.

No entanto, não podemos ignorar o fato de que essa realidade reflete também um problema latente no país: a falta de direitos trabalhistas e de respaldo de

órgãos governamentais para os profissionais autônomos. Apesar de os R\$ 400 terem parecido extraordinários vistos de modo superficial, esse retorno financeiro é a materialização do desgaste do trabalhador e traz consigo uma incerteza acerca do amanhã muito grande. E se o vendedor adoecer e precisar faltar alguns dias ao trabalho, o que fazer?

Mesmo trabalhando todos os dias, menos às terças, que é quando lava o carrinho e faz a sua manutenção, Silvio se mantém otimista e, principalmente, grato pelo sucesso que seu novo negócio vem fazendo. *“eu vou te falar que eu tô sendo abençoado. eu tô ganhando aqui o que eu nunca ganhei em lugar nenhum. o lucro que eu tiro aqui eu nunca ganhei. graças a Deus, hoje eu tô conseguindo guardar um dinheiro no banco que com a lanchonete Silvio Lanches, com a marmitaria e com outros serviços nunca consegui. Deus está me abençoando”*, conta esboçando um sorriso que denuncia o orgulho que tem pelo novo ofício.

Depois de tanto medo, desespero, preocupação e angústia, Silvio finalmente estava conseguindo atingir seu objetivo inicial: pagar as contas e colocar comida em casa. Ele, que fala muito sobre Deus e carrega uma fé genuína, chegou a achar que não ia dar. *“eu fiquei muito desesperado depois que fechamos tudo, vi*

*que não dava, e a pandemia tava brava. eu olhava pra um lado, olhava pro outro, não dava pra vender nada na rua porque não tinha ninguém na rua, não dava pra abrir nada, não dava pra montar nada, pensei 'o que nós vamos fazer?' chegou um tempo que eu falei 'eu vou pro sinaleiro pedir ajuda, fazer alguma coisa, porque ficar parado vendo as crianças pedir leite, e minha mãe sozinha lá em Marília tendo que me ajudar sendo que não é aposentada, só recebe do Bolsa Família, não dá. nesse momento eu pensei em ir pro semáforo'.*

Sem orgulho nenhum e com um olhar que esboçava o desespero que toda aquela situação remetia, Silvio dispara: “*eu não tenho vergonha, não. vou pedir ajuda pra quem pode, vou sair com uma sacolinha*”. Assim como diversos brasileiros necessitados, ele não recebeu nem um centavo do auxílio emergencial oferecido pelo governo. Então, diante de um contexto de desamparo à população, crer em algo que transcende o universo material e todas as leis físicas conhecidas poderia ser o antídoto para que pessoas como Silvio pudessem atravessar essa amarga fase pandêmica. Em um país completamente desgovernado, ele é mais um dos brasileiros que recorrem à fé.

Com uma crescente da fome, dos sintomas psí-

quicos e dos transtornos mentais, dos números de mortos, desempregados, pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social e de tantas outras variantes que escancaram os tempos difíceis que estamos vivendo, onde até mesmo o processo de luto vem sofrendo atravessamentos, como continuar seguindo?

Nessa esfera, a religiosidade e a fé de Silvio ganham um espaço de identificação com tantos milhões de brasileiros que tiveram que recorrer ainda mais às suas crenças para seguir diante desses tempos de dor e sofrimento. Durante o bate-papo, ele cita Deus diversas vezes e, ao ser perguntado sobre sua religiosidade, nos diz que é evangélico e que seu pai é pastor e dirige uma assembleia.

Silvio conta que nasceu na igreja, mas passou pela “vida”. *“teve uma época da minha vida que fui pro mundão, com 17 anos até os 20 e poucos. depois voltei pra igreja, depois saí de novo. larguei do meu primeiro relacionamento, entrei em depressão, tentei me matar. e aí a religião me ajudou bastante. eu acredito muito em Deus”*. Ao ouvir seu relato, ficamos pensando em quantos brasileiros não se apoiaram na fé para atravessar esse momento de calamidade.

A religião, diferentemente de outras construções ideológicas, provém uma garantia e uma

segurança para as pessoas que outros meios não são capazes de fornecer do mesmo modo. O cristianismo — doutrina que Silvio e tantos outros brasileiros seguem —, essencialmente, só exige o ato de crer, não envolvendo nada relacionado à meritocracia ou ao esforço, por exemplo, apenas demanda ter fé em Deus. Ou seja, acreditar que existe uma força maior, e que, portanto, as coisas irão dar certo e/ou ficar bem.

Um dos fatores que podem explicar a religião ter tanta força e ganhar tanta centralidade na vida das pessoas é a falta de políticas públicas que dêem amparo ao cidadão. O momento de crise sanitária, não só para Silvio, era extremamente difícil por si só, mas os brasileiros ainda tiveram que contar com o ônus de uma negligência política.

Sem ajuda do governo e de nenhuma instituição em Bauru, muitas vezes foram manifestantes da fé que deram de comer para Silvio e sua família, como é o caso do casal de pastores que ele conheceu pegando uma corrida por aplicativo de mobilidade. *“pedi uma corrida e no carro estava tocando um louvor, eu e minha esposa ficamos curiosos e perguntamos sobre. o motorista era pastor e tocava uma igreja ao lado de sua esposa. na época, eu não estava frequentando nenhuma igreja, aí o casal de pastores foram na minha casa fazer*

*uma oração e me convidaram para conhecer o templo. comecei a ir.*” Os cultos aconteciam em um salão, mas com as medidas de proteção impostas pela Covid-19, os pastores tiveram que sair do local e fazer os encontros religiosos na garagem da própria casa. No início, o pastor, que fazia bicos de motorista de aplicativo, buscava e levava Silvio e sua família para os cultos.

Mas para além da esfera religiosa e de um contato aproximado com Deus, aqui, na Terra, o pastor Ricardo e a pastora Janete foram um braço de esperança e força que Silvio e os seus tanto precisavam naquele difícil momento da vida. *“eles me ajudaram muito, davam cestas básicas. eu olhava no armário e não tinha nada, mas falava pra minha esposa ‘amor, Deus vai providenciar’.* o pastor perguntava *‘é aí, irmão Silvio, como vocês estão aí? como que tá de alimento?’* aí eu falava *‘ah, pastor, nós tá na prova’, e as palavras dele eram ‘não, fica sossegado, Deus vai providenciar, nós vamos levar alguma coisa aí’*”.

A depender da crença de cada um, pode-se dizer que essa relação que surgiu durante uma despreziosa corrida de aplicativo não foi por acaso. Aqueles que acreditam em forças superiores diriam que planos maiores, com certeza, estavam sendo preparados para Silvio e sua família. Mais

do que espalhar a palavra de Deus, uma verdadeira rede de solidariedade e fé foi criada a partir do encontro de Silvio, sua esposa, Ricardo e Janete.

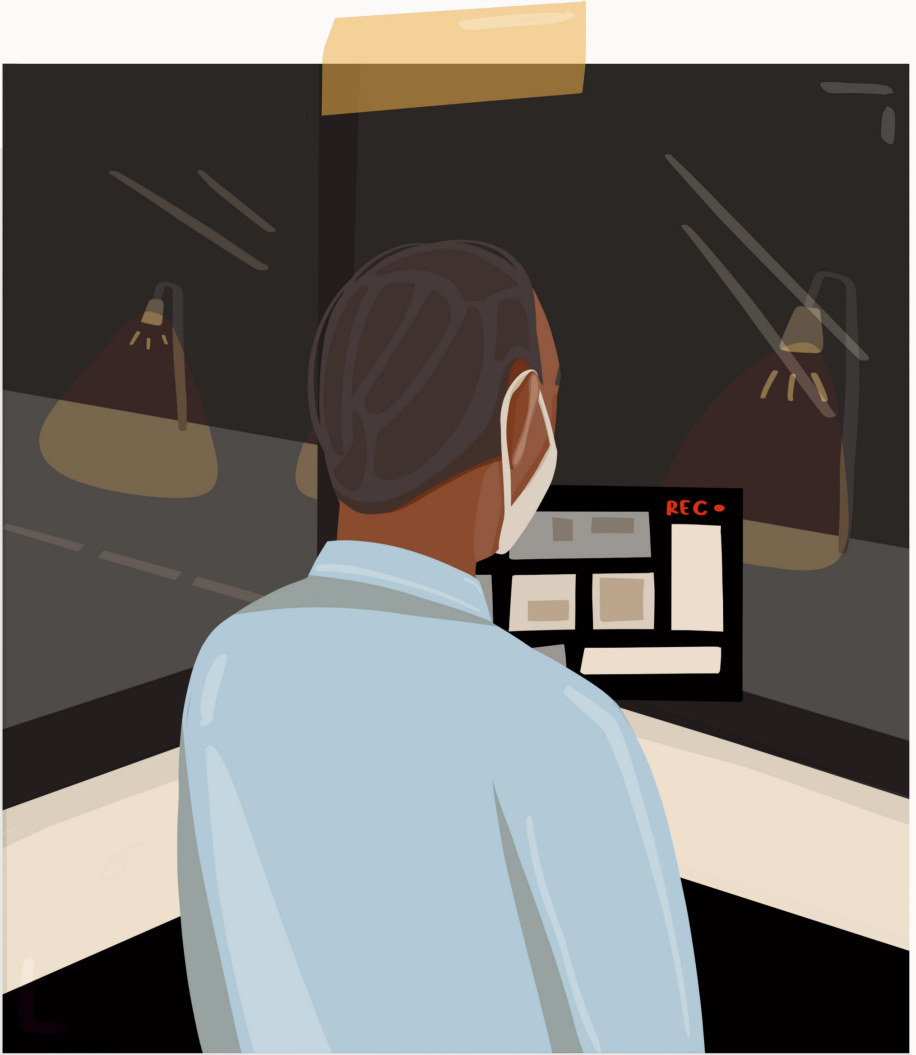
Estariam eles predestinados a se encontrarem naquele momento? Bom, essa resposta nunca teremos, mas a gratidão que Silvio exala ao falar desses “irmãos” é genuína e dá gosto de ver. *“eles nos ajudaram muito e eu fico contente por poder retribuir. hoje o pastor mandou uma mensagem falando que tem duas famílias que estão com necessidades, perguntando se os ‘irmãos’ podem ajudar, e eu falei ‘pode contar comigo, eu vou ajudar.’ com uma cesta, uma caixa de leite, hoje eu posso! passamos pela pandemia, passamos dificuldades, mas agora Deus me honrou.”*

Em meio a uma pandemia que roubou tantos sonhos e tirou tantas coisas das pessoas, Giovana, Débora, Josiane, Carolina, Fábio e Eduardo ganharam um segundo pai. E o quinteto W — Wallace, Wallister, Wallifer, Wallisan e Willian —, filhos do primeiro casamento de Silvio, que moram em Campinas, puderam ver orgulhosos, mesmo que de longe, a vitória sofrida, mas merecida de seu pai dia após dia.

Hoje, com o carrinho do cachorro-quente com purê caseiro, este trabalhador que não parou, tampouco pudera desistir durante a maior crise

sanitária do Brasil, tenta levar mais sabor à vida dos fregueses e mais possibilidades para a vida dos seus. A essa altura da conversa, em que é possível ver a felicidade, o alívio e a gratidão do vendedor por toda sua trajetória nesses tempos difíceis, os fregueses a fim de comer cachorro-quente tomam conta do espaço, e o papo fica interrompido. Silvio, então, dispara com orgulho: “*venci!*”.





# "OSNI"

## Porteiro

Verdade seja dita: são eles que atuam como verdadeiros donos dos lugares, com a chave de entrada e o veredito de quem pode ou não adentrar determinado espaço. Existe uma certa tentação em conquistá-los e até hoje guardamos um pouco dessa cumplicidade, que muitas vezes resulta em uma relação de confiança. Afinal, são os porteiros os responsáveis por nos darem o primeiro “bem-vindo” e os últimos a determinarem o “até logo”.

Muitos profissionais dessa área exercem a função numa escala 12x36. Para você que não sabe, isso significa dizer que trabalham 12 horas e descansam pelas próximas 36, tornando o revezamento algo intrínseco à profissão. A maioria possui um salário médio na casa dos R\$ 1.392,22 e, portanto, é difícil que sejam donos — com perdão ao trocadi-

lho — de um edifício como um dia já acreditamos.

Nessa profissão, geralmente nos deparamos com vários perfis. Tem o porteiro que dorme. O que te conhece e reconhece. O que te explica o local que irá percorrer. O que te dá perdido. O que te aponta a saída. O que não fala nada ou o que te fala tudo, mas você não entende quase nada. Osni, a princípio, remete ao último exemplo, e já explicamos o porquê.

Durante algum tempo, foi difícil entender bem o seu nome. Osnivaldo, ou apenas Osni, não é um dos nomes mais comuns, como ele mesmo sabe. Transbordando simpatia, em duas semanas, ele logo passou de “Osvinaldo”, como pronunciávamos no início, para apenas o amigoso “Osni”, o porteiro da TV TEM — afiliada à TV Globo. Aos poucos foi se criando essa relação de camaradagem que existe nas portarias do Brasil afora — ou a dentro. E foi ela que nos levou até o lar do Osnivaldo para conversarmos sobre o seu trabalho em meio à pandemia.

Para começar, logo descobrimos que Osnivaldo de Oliveira Santos não é apenas um bom porteiro, mas um ex-vendedor de cosméticos, ex-ferroviário, frentista, cozinheiro, desenhista, publicitário, segurança, barbeiro, empreendedor, excelente pai e melhor ainda quando o assunto é conversa.

Por ironia do destino, ao batermos na sua porta, não fomos atendidos. Sabe aquela portaria que você fica horas e horas e nada de alguém te atender? Pois bem, lá estávamos nós e nada do Osni. Poderia ser o sintoma de um mau pressentimento, ou poderia ser apenas obra do destino. Alguns minutos depois, somado a algumas palmas, ele apareceu. Subia a rua, ao lado de seu filho Daniel, de apenas 5 anos, que logo precisaria das duas mãos para somar a novidade que completaria dentro de algumas semanas.

Com um jeito tranquilo e onipresente, Osni logo nos cativou e mostrou os atributos que fazem dele um porteiro diferente dos demais. Explicou que estava algumas ruas para baixo na casa dos avós de Daniel. De um jeito convidativo, como sempre o fizera na entrada da TV TEM, nos colocou para dentro.

Em seguida, anunciou o bolo que havia feito e que se encontrava à espera de nossa presença. Sentamos à mesa, que divide a sala, e o silêncio rapidamente foi rompido por Osni, que perguntou sobre as dificuldades para encontrar o seu lar. Prontamente, dizemos que foi tranquilo, mas no fundo sabíamos que invertemos o caminho assim que descemos do ônibus. Tivemos que recorrer aos moradores locais. Aquela dificuldade natural de andar na cidade que já

havíamos demonstrado em outros momentos.

Morador convicto de Bauru, “*nascido e criado*”, logo se apresenta como símbolo da cidade. “*sempre morei na (Vila) Falcão. se você rodar Bauru inteira e perguntar do Osni, raramente a pessoa vai falar que não me conhece*”. Verdade seja dita, Osni é um sujeito de presença, negro, parrudo e extremamente cativante. O aparente contraste com o seu filho loirinho e magrinho logo é desmistificado pela sintonia dos dois, que juntos demonstram uma cumplicidade inerente à relação entre pai e filho. “*ele puxou a mãe, meu alemãozinho, mas é lindo que nem o pai*”, brinca.

Iniciamos a conversa e logo fomos pegos de surpresa com o fato dele ter entrado na portaria da TV somente há alguns meses. “*inicieei no final do ano passado (2020) em meio à pandemia, fui indicado lá*”. Novamente fomos surpreendidos, desta vez por quem era o Osni antes da portaria. “*entreguei cosmético durante três anos, rodava cerca de uns 700 km na semana aqui na região*”. Logo, o currículo dele vai sendo estendido, “*já fiz muita coisa, fui frentista, ferroviário, trabalhei em rodovia para concessionária*”.

Assim como muitos brasileiros, Osni também sonha com a independência, “*quero montar uma pastelaria/marmitaria e trabalhar com a minha esposa*”,

confessa. Antes de chegar ao atual posto, na portaria da TV, ele trabalhou em um condomínio de luxo, em um bairro nobre de Bauru, também como porteiro. A estadia lá foi curta, durando apenas alguns meses e, nessa hora, a questão racial permeiou pela primeira vez uma conversa nossa. *“creio que eu não fiquei lá por ser negro. primeiro eles dispensaram um homem tatuado, depois eu fui o escolhido para sair do meu posto, mas tudo bem, Deus me deu uma oportunidade muito melhor agora”*.

A lenidade com que trata o assunto pode ser explicada pelos benefícios ganhos durante a mudança. Se antes vivia de “bico”, hoje pode se dar ao luxo de ir andando ao trabalho, como bem se orgulha: *“vou e volto a pé, quando surgiu essa oportunidade no (Jardim) Bela Vista, já logo imaginei que seria na TV. não podia deixar passar”*. E não deixou. Trabalhando no tradicional sistema 12x36, Osni começou à noite, entrando às 19h e saindo às 7h. Logo foi realocado para o turno do dia, das 7h às 19h, embora contra a vontade. *“eu prefiro trabalhar à noite, até para ter mais tempo para tocar a minha ideia da marmitaria”*.

Em alguns momentos, nós somos interrompidos pelo filho Daniel. Mas é aí que fica claro

em Osni o gingado de pai que tem no filho o seu maior xodó. Ex-aluno de publicidade, ele sabe vender bem o seu peixe e, pouco a pouco, o menino que parecia entediado com o papo de adulto que levávamos se faz presente na conversa. Aos montes, os carrinhos de brinquedo vão se empilhando na mesa e, tal como o filho, Osni sabia o nome de todos.

Pouco a pouco somos apresentados ao mundo paterno, que é potencializado com os chamados no garoto, os quais mais se parecem um pedido do que propriamente uma ordem. Como todo bom pai que preza pela cumplicidade na relação com o filho, Osni logo traz à tona a figura da mãe para coibir a bagunça, *“sua mãe vai chegar e não vai gostar nada desses brinquedos espalhados, hein, Daniel. depois não diz que eu não avisei”*.

No fundo, ele se diverte e celebra cada passo dado por seu filho. Os brinquedos que tanto queria na infância, agora estão sob posse do garoto. Não que tenha tido uma infância ruim. Filho de *“pai negro e mãe branca”*, Osni foi o caçula e único homem de quatro filhos do casal, assim como seu filho Daniel, o xodó da família. Infelizmente, perdeu o pai há 5 anos e a mãe há 15.

O baque de perder alguém da família só voltou a assolá-lo durante essa pandemia.

O vírus levou sua irmã mais velha, no final de 2020. *“foi no pior momento. ela entrou no hospital por conta de um aneurisma na veia horta e contraiu a Covid lá. depois disso, nunca mais a vi. quando ela faleceu, meu sobrinho a reconheceu e foi isso”*, relata em tom que mistura desolação e revolta. *“é um negócio estranho, você não consegue se despedir da pessoa. a sua mente te faz pensar ‘será que ela tá mesmo aí dentro?’”*, completa.

A implacável doença também o isolou do mundo. Logo depois do baque da perda da irmã, teve que encará-la. *“você passa a se monitorar. se sente que não tá respirando direito, já cresce a ansiedade”*, explica em meio a uma pausa ou outra. O período de isolamento nunca é fácil. A OMS recomenda, após a testagem positiva para a doença, o período de duas semanas de isolamento, que também pode ser traduzido para 14 dias, 336 horas, 20.160 minutos. Tempo demais para quem já está sofrendo.

Neste momento da conversa, os tormentos da perda o fazem rememorar a despedida da mãe. O mal silencioso da depressão que agarra o seu sono até hoje vira um dos pretextos para preferir trabalhar à noite. *“foi um momento muito difícil. ficava muito ansioso, chegava a tremer ou chorar às vezes, não*



*conversava com ninguém*”, assim descreve a si mesmo, um homem que pouco lembra o porteiro que recebe tantas pessoas todas as manhãs. *“hoje eu durmo de dia por conta do trabalho, chego até a roncar, mas eu consigo escutar tudo em minha volta”*, arremata. Os medicamentos continuam fazendo parte da rotina e, de maneira sucinta, ele resume num tom maniqueísta aquilo que o faz ser um personagem tão cativante: *“conheço tanto o lado bom, como o ruim”*.

Logo, aquilo que há de melhor em Osni volta a assumir o protagonismo. Após o pedido do filho, finalmente o bolo encontra a mesa. Enquanto Osni busca o chá para completar o banquete, Daniel preenche o vazio da mesa com as suas dezenas de carrinhos, que encontram os mais variados formatos e tamanhos. A cada *“vrum, vrum”* do filho, um recado de Osni a respeito da chegada de Francine, a dona do lar, *“sua mãe tá chegando e não vai gostar dessa bagunça”*.

Francine e Osni não são casados, mas formam um casal há 18 anos. Ele tem 48 anos, ela tem 36. Quando começaram, ele tinha 30, e ela 18. Daniel, por ora, é o único herdeiro. Quando perguntado sobre ele ser o único, Osni encontra espaço para recuperar o tradicional bom humor, *“ninguém bateu no portão até agora”*, ri enquanto finaliza a frase.

Brincadeiras à parte, Osni não apenas aparenta ser apaixonado, mas também demonstra com gestos a paixão por sua família. Com orgulho, mostra o corte de cabelo do filho, fruto de um desejo antigo de ser barbeiro. “*estou aprendendo. mostra pra eles o cabelinho que o pai cortou*”, diz enquanto Daniel rodopia e traz à tona mais um dos talentos do pai.

Além do anseio em ser barbeiro, Osni gosta de estar na cozinha. O bolo de fubá, que antes apenas enfeitava a mesa, logo vira a atração principal e corrobora mais uma vez com os múltiplos talentos escondidos do nosso porteiro. Ele se coloca como o responsável pela alimentação da família em casa. Daniel, por sua vez, esquiva-se quando o confrontamos com a cruel pergunta de quem é melhor na cozinha: “*a mãe ou o pai?*”. Espertamente, ele responde com uma lista que começa pelo pai, passa pelos avós e termina na mãe, e talvez se deixássemos prosseguir, seria capaz de nos incluir para evitar a indisposição.

A conversa tem uma pausa para ouvirmos as histórias de Daniel. Como qualquer criança de 5 anos, a imaginação fértil nos leva a lugares inimagináveis, e os três adultos ali se deixam ir pela contação de história. Osni ri e, após longo monólogo do filho, o compara a Tom Hanks em um dos grandes papéis

de sua carreira, “*tá assistindo muito Forrest Gump*”. Como qualquer criança dessa idade, Daniel não entende bem a referência e faz cara de dúvida, mas logo volta a sua atenção aos personagens infantis na tela do seu celular.

Com a noite predominando, pouco antes de irmos embora, Osni levanta uma questão que nos pega de surpresa: “*vocês acham que estamos sozinhos aqui?*”. Entendemos, mas ao mesmo tempo não entendemos bem a pergunta. O questionamento nos faz pensar na figura de Deus ao mesmo passo que nos faz hesitar e esperar o prosseguimento de Osni. E ele vem.

Pisando em outros terrenos, traz ao jogo a sua crença em vida extraterrestre, “*eles estão entre nós há tempos*”. Aquilo nos surpreende, mas aos poucos Osni vai demonstrando todo o seu conhecimento extra, “*sinto que ainda não estamos preparados para saber*”, e aquilo ecoa em nossas cabeças como uma verdade irrefutável. Afinal, em um momento de tanta descrença às instituições humanas, crer no incompreensível parece um ato sedutoramente factível.

Em seguida, Daniel nos chama para brincar no quintal com a bola. Nós colocamos os pés no chão novamente e brincamos feito crianças. Daniel se diverte, com a cabeça na lua. Osni também parece manter o

pensamento longe do plano terrestre. Alguns minutos depois, Francine chega, e nós voltamos ao papel de jornalistas. Daniel corre. Ele precisa arrumar os brinquedos. Osni finaliza: “*eu avisei*”.



# **ADRIELLE & ISABELLA**

## Entregadoras de delivery

Em meio a uma pandemia que paralisou o país, literalmente, por diversas vezes desde o seu início — o longínquo março de 2020 — alguns serviços foram colocados em xeque, bem como outros foram cada vez mais postos à tona. Em uma cultura que pouco valoriza os meios em detrimento dos fins, dar visibilidade à comunidade de entregadores, a qual é responsável por levar itens essenciais até a nossa casa, tornou-se uma necessidade nesse período.

E para dar voz àqueles que não pararam durante a maior crise sanitária do país, quem melhor do que os profissionais que levaram comida até o lar de tantos brasileiros nos períodos de isolamento social? Foi por essa razão que conhecemos a história de Adrielle Moreira Brito, 24, e Isabella Cristina dos Santos, 22 — casal de mulheres

que dá forma a uma profissão que, se já não era essencial antes da pandemia, tornou-se a partir dela.

De acordo com dados do projeto ConVid — Pesquisa de comportamento, divulgados pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), UFMG e Unicamp, 60% dos brasileiros permaneceram a maior parte do tempo em casa no início da vida pandêmica. E é aí que personagens como nossas entregadoras entraram em cena de maneira mais contundente.

Tudo começou quando pedimos uma pizza, e duas mulheres em cima de uma moto foram realizar a entrega. O cenário era um tanto quanto atípico, como continua sendo. Nós nunca tínhamos visto uma entregadora de *delivery* mulher, muito menos duas de uma só vez.

Indo contra as estatísticas e até o que é considerado “normal” — em um período um tanto quanto anormal — pensamos que elas poderiam protagonizar uma história muito peculiar e interessante neste livro. Foi então que aceleramos e montamos nessa “garupa”.

Logo de início, conversar com duas pessoas que rodam boa parte da cidade em cima de uma motocicleta, enquanto nós conhecemos apenas uma pequena parte bauruense, foi instigante.

Pudemos dar uma volta pelo município sem sair do lugar — apenas da nossa bolha. Fomos até o Mary Dotta (bairro bauruense) conhecer um pouco do que faz parte do cotidiano de Adrielle e Isabella.

Logo de cara, elas contam que o ofício da entrega não veio de uma vontade antiga, muito menos de um sonho pessoal. *“foi por necessidade. eu fui mandada embora de uma rede de supermercados por conta da pandemia e precisava de dinheiro”*, conta Isabella, que nasceu em Piratininga-SP, mas passou toda sua vida em Bauru.

Do outro lado, embora seja natural da cidade-lanche, Adrielle passou boa parte do tempo se mudando. Seus pais nasceram em Parambu, no interior do Ceará e divisa com o Piauí. *“meu pai arrumou emprego em Bauru e veio trabalhar pra cá, depois a minha mãe veio também e ficou grávida de mim. acho que meu pai é cigano (risos). eu morei em Bauru, Mogi Guaçu, Goiás, Fortaleza e Manaus. ele foi de uma ponta a outra”*. Mas de todos os lugares que já passou, ela conta que o município que mais se identificou foi Bauru, tanto é que decidiu retornar de Fortaleza para a cidade natal no final de 2019 — quando ainda não imaginávamos o que estava por vir.

A primeira entrega de *delivery* delas foi no



segundo ano pandêmico, quando outras tentativas de sobreviver já tinham se mostrado insuficientes. “*foi em uma sorveteria. o dono é bem gente boa, vimos num grupo de motoqueiros, ligamos, fomos lá e deu certo*”. Esse e muitos outros trabalhos aconteceram em um período que era difícil ter esperança, quando a vacina ainda era uma realidade distante para os jovens que não atuavam na área da saúde.

Um dos grandes impactos da Covid — e da demora para imunização atingir boa parte da população — na vida das duas foi o plano de montar uma hamburgueria, e ele até chegou a sair do papel. O negócio funcionava por meio de uma página de rede social e pedidos via aplicativo de *delivery*. Adrielle fazia os lanches na própria casa e, quando não tinha demanda para atender, acompanhava Isabella nas entregas.

No início, o empreendimento ia bem, estava com movimento, parecia que ia dar certo. Mas o cenário brasileiro já dava sinais de que começar algo do zero em meio ao maior caos sanitário do país não seria tarefa fácil. A pandemia freou a estabilidade do negócio: a coisa começou a desandar quando elas contraíram Covid-19. O casal conta que foi horrível.

Dores no corpo e sintomas de gripe apareceram e ambas ficaram muito mal. “*tive que tomar soro*

*umas duas, três vezes, eu não estava aguentando comer nada*”, conta Isabella. Com o estado de saúde mais debilitado, elas tiveram que fechar a hamburgueria por cerca de um mês e, com isso, as comidas já compradas estragaram, e as finanças ficaram comprometidas.

Então, no contexto trabalhista, podemos dizer que tudo estava dando errado nesse período. Além do insucesso com a hamburgueria, Isabella e Adrielle tiveram experiências negativas em uma das empresas que mais empregam pessoas em Bauru, mas que talvez custe a saúde psicológica de muitas delas. As duas foram passando por diversos lugares, em diferentes funções, mas nada dava certo de fato. Foi aí que as entregas apareceram na vida de Isabella, e Adrielle embarcou junto nessa, literalmente, na garupa de sua moto.

*“a gente entrega juntas por segurança, se alguém vier assaltar a gente, em duas fica mais difícil*”, contam. Isabella inclusive compartilha histórias onde a companhia uma da outra foi essencial para lidar com situações de perigo. Ambas já sentiram na pele os riscos advindos de ser uma mulher trabalhando com *delivery*, mostrando que essa situação não é apenas hipotética. *“tentaram me assaltar uma vez, eu fiquei super apavorada. fui fazer uma entrega perto do São*

*Geraldo (bairro de Bauru), um pouquinho mais para baixo, em uma ruazinha. de um lado não tinha nada, era só árvore e sujeira, e eu subi na moto, parei na frente da casa do cliente, buzinei e ele não atendeu. aí eu voltei para ver a placa, nisso tinha um cara parado no meio da rua segurando uma faca me esperando. eu acelerei e fui embora”,* relata Isabella.

Apesar de parecer, o episódio não se tratava de uma armadilha. Depois do ocorrido, o cliente foi buscar a pizza em outro local. *“ele falou que viu o que aconteceu e que era normal isso acontecer ali”*. Naquele dia, Isabella foi entregar sozinha porque o destino era perto, mas em outras oportunidades alguns empregadores impediram sua esposa de ir junto. *“não sei o porquê, porque não atrapalha em nada”*, questiona Adrielle com um tom de inconformismo.

A verdade é que nas entrelinhas o motivo fica evidente. O preconceito — enraizado na sociedade — não escapa do núcleo profissional, tampouco do familiar. Como entregadoras, elas contam que a maior dificuldade que tiveram foi lidar com o machismo. Aquela pizzaria, que anteriormente tinha sido ponte para nosso contato com as duas, agora era a simbolização do modelo patriarcal que compõe nossa sociedade. Não teve justa causa, muito menos

uma explicação: Adrielle e Isabella foram dispensadas sem mais nem menos e, no lugar, ficaram com um entregador homem. Infelizmente, o estabelecimento em questão não é exceção quando o assunto é preconceito. Diversos lugares para os quais as duas realizam entregas não as deixam trabalhar juntas.

Outra faceta do machismo estrutural é percebida quando pensamos nas relações familiares, nas quais muitas vezes a mulher tem de abrir mão de seus objetivos para ajudar em casa. Na história das duas, algo em comum foi o interrompimento dos planos por conta das dificuldades que esse cenário impôs. Ambas começaram a cursar o ensino superior, mas tiveram que abandonar a faculdade para ajudar suas mães. Adrielle fez um ano de Design e Isabella de Educação Física, mas deixar os estudos em segundo plano foi inevitável para elas.

Desde o início da nossa conversa, ficou claro que o fator família acabou influenciando diversos momentos da vida das entrevistadas. No processo de descoberta da sexualidade, não foi diferente. *“meus pais já desistiram de mim”*, solta Adrielle em tom de brincadeira. *“quando eu me assumi, aos 15 anos, foi muito complicado. na hora que eu contei, minha mãe pareceu aceitar de boa. no outro dia, quando eu cheguei da*

*escola, minha mãe arrebitou meu quarto inteiro, jogou minhas coisas, catou as roupas do meu pai e jogou em mim: ‘tô, veste, você não quer ser homem? então veste!’”.*

Mesmo com o passar do tempo — 7 anos desde esse episódio — sua sexualidade ainda não é bem vista por seus pais. *“eles nunca aceitaram, me tratam normal, mas ignoram essa parte de quem sou desde que me assumi”.* E assim como em outros segmentos da vida, a religião se mostra como uma barreira quando o assunto é amar outra pessoa. *“minha mãe é evangélica e fala que se me aceitar vai pro inferno por minha causa. ela diz que não vai condenar a salvação dela porque eu quero viver as coisas do mundo e pensa que já vai pro inferno porque eu ‘me tornei’ lésbica. ela fala que Deus vai cobrar isso dela, porque é sua ‘responsabilidade, ela que deixou’. não tem o que eu possa fazer para mudar isso”.*

Por conta de sua crença, a mãe de Adrielle se sente culpada por pensar que a orientação sexual da filha é uma espécie de punição por suas ações do passado, acreditando que a homossexualidade seria um pecado hereditário. *“quando ela era criança, brincava com uma menina e não via maldade. uma vez elas deram selinho, e minha mãe achava normal. um dia ela foi para a igreja e o*

*pastor começou a falar dessas coisas e ela percebeu que estava errada, que estava pecando. então decidi que nunca mais ia fazer aquilo para desagradar a Deus. ela acha que, por ter cometido aquele pecado quando criança, aquilo passou para mim como um castigo. ela realmente acredita nisso”.*

Em contrapartida, a família de Isabella tem uma outra postura em relação à sua sexualidade e, desde cedo, seus familiares ficaram a par dela. *“aos 16 anos, contei pra eles, mas nunca tinha ficado com ninguém. só me disseram ‘ah, vai ser passageiro’.”* O que eles não imaginavam é que, aos 22 anos, sua filha estaria casada com uma mulher — Adrielle, que conhecera na adolescência.

Por ironia do destino, a história das duas se trombou por conta da relação dos pais de Adrielle com uma menina da sala de Isabella. Foi no aniversário dessa colega que elas se conheceram, uma com 15 e a outra com 16. Na época, Adrielle já era assumida, e Isabella diz que se descobriu com ela, sendo a primeira pessoa por quem se apaixonou. *“a gente conversava normal. a Isabella diz que era apaixonada por mim, mas ela nunca me contou nada”.*

No entanto, levou mais alguns anos para o romance acontecer. Aos 17, Adrielle voltou para sua

terra, Fortaleza, e elas acabaram perdendo contato. Quis o destino que as duas se reencontrassem apenas em 2020 — no meio da maior crise sanitária do século. “comecei a trabalhar em Bauru e conheci uma menina do trabalho que era namorada da melhor amiga da Isabella. nisso, a Isabella viu uma foto que essa menina postou e pediu para ela mandar um ‘oi’ para mim. a partir daí elas juntaram nós duas, já na pandemia, e a gente começou a namorar. hoje somos casadas”, conta Adrielle com um misto de saudosismo e orgulho da relação que construíram.

A pandemia também foi um fator negativo no que diz respeito ao casamento das duas, que tiveram que fazer a cerimônia no cartório sem nenhum convidado por conta das medidas de restrição. E em busca de encontrar um lugar para começar uma vida juntas, o período também foi dificultoso. “a pandemia foi a pior coisa da minha vida. foi muito difícil, eu saí da casa dos meus pais com 19 anos, nunca precisei mudar de casa de três em três meses (que foi o que ocorreu durante essa época). na pandemia as pessoas ficaram muito intolerantes com as coisas, não deixavam eu conversar e tentar resolver”, desabafa Adrielle.

Apesar dos empecilhos no início, elas conseguiram construir um lar juntas. E o companheirismo

das duas foi além da porta para dentro. Na rua, elas tentam ganhar o sustento de cada dia, mas o serviço não é o mais recompensador. Embora a comunidade de motoqueiros seja muito solícita, divulgando vagas e prestando auxílio quando ocorre algum contratempo nas entregas, como uma moto quebrada, os estabelecimentos costumam pagar muito pouco — o que põe em xeque a estabilidade no ramo.

*“costuma ter serviço para todos, mas tem lugar que paga muito pouco. acaba não compensando. não dão a moto nem a gasolina, tem estabelecimento que paga R\$ 20 pra rodar a noite toda. é muito difícil um lugar que valoriza o motoqueiro. se a moto quebrar, não arcam com nada”*, contam desmotivadas. Sem direito trabalhista algum, elas compartilham que o melhor valor que receberam foi naquela mesma pizzaria do início. *“eles pagavam um valor fixo mais uma taxa de R\$ 1,50 por entrega. já chegamos a ganhar R\$ 80 em uma noite”*.

Para piorar, além do impasse financeiro, muitos lugares não permitem que as duas trabalhem juntas, o que torna o serviço mais árduo, afinal, o trabalho em dupla facilita quando há muitos itens para serem carregados e entregues. *“já chegamos a levar sete pizzas na mochila, mais duas sacolas de mercado com quatro refrigerantes e lanches. eram umas oito entregas por vez*



*e levava quase uma hora para fazer tudo, embora os lugares fossem perto um do outro. imagina para uma pessoa que está sozinha fazer isso. é muito pesado*”, revelam.

Sendo complementares até mesmo no trânsito, as duas conseguem dividir bem as funções em cima da moto. Adrielle conhece tudo de Bauru, então vai guiando Isabella durante as entregas. Como copilota, às vezes sabe de cabeça o caminho, às vezes conta com a ajuda do *GPS*, embora este não funcione muito bem na cidade por conta da presença das quadras — uma peculiaridade bauruense que dificulta o tráfego em áreas desconhecidas. “às vezes a casa é na quadra 1, e o *GPS* manda a gente para a quadra 10”, comenta Adrielle, que precisa ir apenas uma vez até um local para guardar como chegar até lá novamente.

A conexão das duas é inegável nesse serviço, porém, a vontade de ambas era mesmo de se dedicar a outros planos. Contudo, a pandemia destruiu alguns sonhos — como o delas de ter um *trailer* em alguma praça bauruense. A Praça da Paz foi pretendida, chegaram até ver com a prefeitura, mas já não há mais espaço para novos empreendimentos ali — inclusive, os *trailers* estacionados lá estão irregulares há anos.

Ao ouvirmos essa pretensão de Adrielle e

Isabella, ficamos saudosos, afinal, a Praça da Paz foi um ponto de encontro recorrente para nós durante toda a graduação. Nosso caminho poderia ter se cruzado em um daqueles *trailers* de lanches em vez de em uma entrega de pizza. Mas hoje, com a renda de entregadoras e um bico aqui, outro ali, esse sonho ficou um pouco mais distante, e a realidade difícil dos trabalhadores informais vem à tona novamente.

Afinal, ao pensar em mais possibilidades para tentar fazer uma graninha para ajudar a pagar as contas, o cenário é desesperador. Elas cogitaram ser motoristas de aplicativo, mas relatam que não está compensando. E a partir disso fica uma reflexão importante: o exercício de um trabalho — seja ele qual for — não deveria vir acompanhado de direitos básicos?



# TALITA

## Motorista de aplicativo

O atual cenário pessimista para os empregos formais, fruto de uma alta taxa de desemprego, faz com que as pessoas busquem outras alternativas de trabalho, seja para garantir alguma forma de sustento ou complementar a renda. Atrelado a isso, vivemos tempos nos quais as possibilidades se perdem nos dedos apenas com um *smartphone* em mãos.

O que era apenas uma ligação, agora é a chance de se conectar com o outro das mais diversas formas. Ser capaz de falar com alguém sem articular uma única palavra. Capaz de pedir uma comida. De viajar. De assistir um evento no momento em que ele está acontecendo ou algum que aconteceu há 70 anos. É possível até mesmo trabalhar sem sequer se reportar a uma hierarquia, somente a esse aparelho.

Sem entrar no juízo de valor, responder a

um *smartphone* é coisa séria atualmente. Um estudo da consultoria Accenture mostrou que 62% dos motoristas de uma empresa de transporte responderam que se cadastraram no aplicativo durante a pandemia porque não conseguiram encontrar outro trabalho. Isso nos seus celulares, é claro.

A mesma pesquisa ainda apontou que 73% dos motoristas e entregadores concordam que a plataforma funcionou como uma rede de proteção; e 87% afirmaram que sem o trabalho no aplicativo não teria sido possível atender às necessidades financeiras, o que significa dizer que esse pequeno aparelho foi o responsável por manter muita gente em movimento. E esse é o caso da Talita Caroline Martins Flocco.

Bauruense de nascimento e criação, Talita é mãe, esposa e também motorista de aplicativo de mobilidade. Esse último desde janeiro de 2021. Ela é a famigerada “*Uber*”, nome dado ao trabalhador que realiza esse serviço, mas que na verdade remete à empresa pioneira nesse ramo. Assim como a maioria da pesquisa, Talita encontrou suporte e emprego, mesmo que sem alguns tantos direitos garantidos em lei, por meio dessa engenhosidade.

A princípio, a dinâmica é simples. De um lado, a pessoa que precisa de transporte; do outro, alguém que

possui esse meio de locomoção. A primeira, por meio de um aplicativo no *smartphone*, solicita a corrida; enquanto a segunda, responde ao chamado, também no seu *smartphone*. Ao final dessa troca, o passageiro paga a plataforma de aplicativo, que repassa parte do valor ao motorista que se prontificou a atender ao chamado.

Tudo muito intuitivo e simplista, certo? Mas isso só se sustenta até o momento em que você conversa com um motorista de aplicativo. “*o valor que eu faço no dia geralmente eu divido em três: o combustível, a parcela do carro e o que sobra pra mim*”, resume Talita a matemática básica de todo trabalhador dos tempos de *smartphones* e transportes particulares.

A nossa conversa com a motorista acontece na cozinha de sua casa. Sentamos à mesa e descobrimos o seu mundo pouco a pouco. Ela mora com o esposo, dois filhos, a mãe e a sobrinha. Murilo, de 5 anos, e Mathias, de apenas 2, assim como o restante dos moradores, mostram que para ela o trabalho de mãe é integral, contrastando com o que nos conta sobre a sua jornada de trabalho como motorista nas ruas. “*eu faço um horário diferente. começo de manhã e trabalho até às 13h. aí segunda, quarta e sexta, que é quando minha mãe faz hemodiálise, eu paro e não volto mais. terça e quinta, eu almoço, descanso um pouco e vou até*

*umas 18h, 19h*”, conta Talita.

Para ela, estar nas ruas significa estar longe de todas as funções que julga serem suas dentro do lar. A liberdade como motorista de aplicativo, fruto de uma necessidade em meio à pandemia, logo é cerceada pela aparente incurável insegurança das ruas. Por isso, quando confrontada do por que não trabalhar à noite, de prontidão é contundente na resposta, “*à noite eu não faço! eu fui uma vez à noite, num sábado, e não foi agradável. comecei a trabalhar 15h, 16h e fiquei até meia noite. roda melhor, você ganha melhor, só que o perigo é maior*”, responde categoricamente.

Ela também faz outra ressalva importante a respeito das diferenças de público que existe entre as empresas de aplicativo de mobilidade mais populares. “*o pessoal da Uber, geralmente, é um pouco mais elitizado. já o pessoal da 99 é mais povão, acaba indo mais na periferia, na comunidade. então pra trabalhar à noite é um pouco mais complicado*”, explica. “*eu conheço mulheres que trabalham nas duas plataformas e rodam de madrugada, mas eu não tenho interesse*”, finaliza em tom que mistura alívio e melancolia.

Talita não arrumava trabalho desde antes da pandemia. Trabalhou como empregada doméstica, mas ficou pouco tempo na profissão. Em dezembro

de 2019, a família ganhou um novo membro. Nasceu Mathias, o segundo filho. Além dos dois meninos, Talita se coloca como responsável pela sobrinha adolescente e pela própria mãe, que sofre com problemas nos rins. A mudança para a casa onde conversávamos tinha vindo há apenas 2 meses. Tudo ainda parecia um pouco novo para Talita, com exceção daquele senso materno, que nasceu com os filhos e parece se aflorar diante da necessidade de cuidar de outros familiares. Não que para ela seja um peso, muito pelo contrário.

Durante a conversa, ela se desdobra entre as chamadas nos filhos, os olhos na sobrinha que se prepara para sair, a mãe que se encarrega de cuidar de Mathias e Murilo, mas também é vigiada pela filha e, claro, o aguardo pela chegada do marido. Aliás, o companheiro foi um grande incentivador de Talita no ofício de motorista de aplicativo. *“ele me ajudou no processo, tanto é que o carro é alugado de um colega dele, então não tem muita burocracia. compensa porque você não precisa fazer a manutenção, apesar de muitas vezes quem alugou não querer fazer, mas a gente dá aquela choradinha e ele arruma”*, comenta a motorista.

Talita conheceu o marido quando criança. A história logo nos remete àquelas produções



hollywoodianas. Eles moravam próximos na infância, mas o romance só engatou quando ela completou 24 anos e ele 26. Como qualquer bom segundo ato de uma boa história, nesse meio tempo, Talita foi morar longe desse amor. Viveu por bons anos nas cidades de Dourado-SP e São Carlos-SP antes de retornar para Bauru e, enfim, formar esse casal que está junto há 10 anos e tem dois filhos.

Por sinal, os dois meninos parecem encantados com a mãe sendo o holofote da vez. Logo esse encantamento é quebrado pelo ímpeto natural de ser criança. As brincadeiras tomam forma em meio ao “tédio da conversa”, e os dois filhos passam a chamar atenção de Talita, que deseja que tudo fique em ordem. Ela passa a transitar com facilidade entre a figura de mãe e amiga, tracionando entre a autoridade e o acolhimento.

Durante esse momento, percebemos que, para Talita, embora Mathias seja o mais arteiro da dupla de irmãos, é considerado “*filho da pandemia*”, como ela gosta de ressaltar. “*ele nasceu no final de 2019, então teve pouco contato social. ele é bem bagunceiro no dia a dia, mas sempre muito acanhado quando tem gente de fora. meses atrás a gente foi no aniversário de um coleguinha da escola. na hora que chegamos lá, ele grudou na minha perna e não saía. aí eu falei, é filho de pan-*

*demia mesmo*”, em tom descontraído, brinca Talita.

Mas a outra “máxima” também é verdade. Talita é “mãe de pandemia”, se assim podemos dizer. Antes de ser motorista de aplicativo, teve que assumir o papel de “professora de pandemia”, assim como outras milhares de mães Brasil afora. No início, como quase tudo, ninguém sabia ao certo como funcionaria os dias sem escola.

*“eu tinha que imprimir o dever dele e fazer a atividade junto. é muito difícil manter uma criança prestando atenção numa aula pelo celular. sem falar o contato social com outras crianças, que também faz falta”,* resume Talita. *“tem momentos que sei que isso atrapalhou o desenvolvimento deles, em especial o Murilo que já vai para a escola primária no próximo ano. é bom vê-los de novo indo pra escola, seguindo todas as regras que a gente conhece. além disso, é claro, me deixa mais tranquila pra ir trabalhar. o que anda tirando meu sono são outros problemas”,* desabafa.

O principal deles é a gasolina. O preço subiu cerca de 46% em 2021. Segundo dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANP), no início de 2021, a gasolina custava, em média, R\$ 4,6 na bomba dos postos de combustíveis. Em dezembro, o preço médio era de R\$ 6,67. O etanol também

acompanhou a toada e teve alta de 59%, saindo de um preço médio de R\$ 3,2 em janeiro para R\$ 5,1 em dezembro.

*“eu coloco 50 reais de combustível. nesse valor, eu sei que eu consigo andar de 120 a 150 km. pelo valor alto que você paga, você não reembolsa, porque sobe o combustível e a manutenção, mas as plataformas não seguem esse aumento, não aumentam o valor das corridas”,* conta Talita, professora de matemática dos filhos, que ainda prossegue com sua pequena aula de motorista de aplicativo. *“a porcentagem que fica com a empresa depende da corrida, da distância, mas fica em torno de 15% a 22%. hoje, não compensa tanto ser motorista de aplicativo. se eu colocar na ponta do lápis, dá um empate. mas também tem o fato de eu ter reduzido minha jornada de trabalho”,* completa assim o módulo básico da aula.

Ainda de acordo com Talita, muitos motoristas apontam que a margem de lucro foi reduzida em até 40% no último ano. Com a alta dos custos, os condutores mudaram sua forma de trabalho e passaram a preferir as corridas às quintas, sextas e aos fins de semana, quando a demanda é mais alta. O começo dos meses também continua os atraindo, já que é quando os usuários geralmente recebem o salário.

Outra mudança sentida, especialmente entre os passageiros, foi o perfil das viagens escolhidas por parte dos motoristas, que estão preterindo as curtas às longas, o que explica a diminuição de carros disponíveis e o aumento na taxa de cancelamento. *“quando tem muito chamado, aumenta o valor. é o momento que a gente tenta procurar essas viagens um pouco mais longas pra tirar um valor maior. se você quer ser motorista de aplicativo, é preciso sempre basear seu cálculo na quilometragem”*, reforça Talita.

Até chegar nessas conclusões, o caminho foi longo para ela. No início, empolgada pela oportunidade de voltar a trabalhar, saiu de casa sem tracionar corretamente a rota: *“quando eu comecei, no primeiro dia, falei ‘vamos lá’. enchi o tanque do carro e saí do Vista Alegre (bairro de Bauru), próximo da rodoviária, e vim até próximo de casa. andei mais de 3 km. aí depois o pessoal que já trabalha mais tempo falou pra mim que esse tipo de viagem não compensa. hoje eu não ando mais de 2 km para buscar um passageiro. e por quê? essa distância que a gente percorre para buscar a pessoa a gente não ganha”*, pontua em meio a uma certa desolação aos erros do passado.

As dúvidas sobre o funcionamento da plataforma passam a ser o centro da conversa. É incrível

como conhecemos tão pouco sobre situações que julgamos simples no nosso dia a dia. O que para nós envolve alguns toques no *smartphone*, para outros pode ser uma engenharia de sobrevivência.

Em meio à pandemia, Talita sabe que o trabalho como motorista de aplicativo traz consigo indagações que vão além do perigo das ruas, dos valores defasados das passagens e da alta dos combustíveis. Envolve também o vírus que isolou o mundo. “*nesse período eu encontrei dois perfis de passageiros: pessoas que sempre usaram os aplicativos e gente que começou a usar ou aumentou o uso pra evitar outro tipo de transporte*”, conta antes de prosseguir.

“*é óbvio que eu temi o vírus, ter gente que você não sabe de onde vem, com quem se encontrou, dentro do seu carro assustava um pouco. a gente tentava manter o básico, desde álcool em gel até limpeza a cada viagem. as empresas de aplicativo também limitaram o número de passageiros para somente três*”, explica já emendando uma de suas histórias pandêmicas guardada dentro do seu carro.

“*uma vez eu peguei um senhorzinho, mais velho. a sobrinha que havia chamado. durante a viagem ele contou que tem 11 filhos e eles falaram que não é pra ele andar de transporte público. então, a sobrinha cha-*

*ma de manhã e um Uber leva ele até o centro. lá, ele trabalha vendendo doce ou algo do tipo. a tarde ele liga pra ela, que pede novamente o carro para levá-lo até em casa. no final da semana, os primos dividem o valor e repassam pra ela”, conta a motorista.*

No final disso tudo, Talita faz questão de mostrar o carro com o qual roda pela cidade. De perfil arrojado e corajoso, desde o início da conversa, é perceptível que esse trabalho a envolve num tecido social diferente da figura que preserva em casa. Coloca a sua vida em movimento. Não é o melhor dos mundos e, claramente, seu sonho é outro. Mas passou a entender como poucos o funcionamento desse ofício.

Talita segue atrás, percorrendo ruas e estradas, com a única segurança de que é capaz de realizar esse caminho. Apenas com um *smartphone*, um carro e muita bagagem na vida. Tudo isso, dia após dia, nos faz pensar se esse mundo aguentaria uma pandemia 15 anos atrás, quando nada disso fazia parte das nossas vivências.



# NATALINA

## Enfermeira

No dia seguinte à nossa visita à casa da enfermeira Natalina, uma notícia tomava corpo nos jornais, telejornais e portais de notícia. Segundo um balanço da OMS, a Covid-19 pode ter matado entre 80 mil e 180 mil profissionais da saúde. No Brasil, seriam pouco mais de 13,6 mil — um dos maiores números do mundo e cerca de 40% superior aos registros oficiais. Esse dado estava lá, estampado na Rede Globo, no UOL, na BBC e em outros tantos veículos de notícia. Nessa ingrata lista, ficaríamos atrás apenas dos Estados Unidos, com 62 mil óbitos, além de 22 mil na Rússia e 14 mil no Reino Unido.

Dentro dessa espiral do tempo que passamos a habitar, a ordem cronológica da pandemia parecia flutuar somente como um registro histórico do desastre. Afinal, o compositor de destino, como canta



Caetano em sua ode ao tempo, estaria dissociado de certa bondade com aqueles que dia após dia encaram a pandemia de frente. E isso nos traz à nossa personagem.

Formada em enfermagem aos 23 anos, Natalina de Oliveira Puliesi atua na linha de frente contra o coronavírus em Bauru desde março de 2020. Sim, o remoto março de 2020, provavelmente o último mês antes do início da anormalidade do “novo normal”. Como enfermeira, a pandemia a tomou pelo braço e a colocou de frente com os seus piores momentos dentro da profissão.

Em junho de 2020, foi transferida para o Posto de Saúde da Vila Falcão, um dos principais bairros de Bauru. Lá, os atendimentos eram exclusivos aos casos de síndromes gripais e de pacientes com resultado positivo de Covid. No trágico e já aparentemente distante ano de 2020, a vacina não existia e toda literatura médica era escassa.

Em meio a esse pesadelo de final desconhecido, o cuidado materno se entrelaçou com a vocação profissional de Natalina. “*quando soube que seria transferida para uma unidade Covid, a minha preocupação não foi comigo, mas sim com os meus três filhos*”, afirmou sem balbuciar. Em casa, os filhos Pedro, Davi e Júlia dividem

com o pai Rodrigo as atenções da mãe, enquanto a enfermeira teve que se multiplicar no serviço. *“trabalho das 7h às 17h, mas fiquei muitos dias até às 20h”*, conta.

E não foi somente o dia que ganhou algumas horas a mais e o tempo que perdeu parte do seu fio condutor. A enfermeira também se viu desorientada quando pedimos os números da tragédia diária. *“no pior momento, acho que eram de 300 a 400 atendimentos por dia. dez, 20 óbitos por dia... paciente saturando baixo”*, tenta contabilizar Natalina. *“antes, eram cem contando todos os atendimentos”*, compara, antes de finalizar com a síntese desse novo normal: *“diariamente me perguntava: ‘meu deus do céu, que mundo é esse?’”*.

Durante os meses de abril, maio e junho de 2021, houve uma explosão de casos na cidade de Bauru. A vacinação ainda ganhava forma nos braços dos brasileiros e a oferta de leitos de UTI não supria a demanda. *“teve um dia que a gente encaminhou cinco pacientes que precisavam de um leito de UTI e não tinha. enquanto essa vaga não vinha, a gente ia dando todo suporte com medicamento, colocava oxigênio. muitos protocolos que não poderiam ser feitos numa UBS a gente precisou fazer”*, desabafa durante as lembranças.

Mas nem tudo foi tragédia. Uma memória

em particular permeia os registros históricos dessa jornada vivida por Natalina. No dia 21 de janeiro de 2021, parte dessa angústia se fantasiou por alguns minutos de alegria. Ela se tornou a primeira mulher vacinada contra a doença no município de Bauru, uma honra que descobriu apenas horas antes da concretização daquele momento no tempo. *“a prefeitura pediu para as categorias indicarem um profissional para representar a todos na vacinação. ficou definido uma enfermeira, um técnico de enfermagem e um médico. mas de fato eu só descobri no dia”*, rememora com alegria.

Quando confrontada sobre a profissão, relembra os 20 anos de carreira, passando de postos de saúde a hospitais particulares. *“eu sempre quis ser enfermeira. cursei 4 anos aqui na USC (faculdade local). tinha 19 anos, foi logo depois do colegial”*. Na trajetória, trabalhou em Agudos, cidade vizinha, antes de conseguir uma vaga na Maternidade Santa Isabel, em Bauru. Depois, passou por hospitais privados da região, quando, enfim, conseguiu passar no concurso público na cidade que a acolheu quando tinha 3 anos.

Natalina é filha de baianos que escolheram a maior cidade do centro-oeste paulista para viver e,

hoje, orgulhosamente se diz “*bauruense*”. “*ela às vezes não fala, mas veio do nordeste. já fomos visitar e é lindo*”, dedura o marido Rodrigo. As travessuras do tempo, proclamado como um senhor bonito na oração de Caetano, mais uma vez se fazem presente na vida da enfermeira. O marido, com quem divide a vida afetiva desde 2003 e conhece desde 1986, foi um daqueles inimigos de infância, “*a família dela morava de aluguel na casa da minha mãe, mas ela não gostava de mim, não me suportava. eu a adorava*”, relembra o apaixonado esposo e dedicado pai.

À época, ela tinha 8 anos e ele 7. O conflito logo foi amenizado com a distância, que o levou para a capital no início dos anos 90. A resolução do impasse veio com o tempo. Pouco mais de uma década depois, em 1998, os dois se reencontraram em Bauru, numa quermesse, “*minha mãe ainda tinha contato com a mãe dela. a gente se viu numa quermesse de Santo Antônio e, desde então, estamos juntos de certa forma. a nossa história é uma história bem bonita. só Deus para explicar*”. Talvez só Ele, o destino e o tempo.

Neste momento, a filha do casal Júlia, 100% bauruense e de apenas 4 anos, toma a palavra e começa de alguma forma traçar o seu próprio destino, deixando a mãe enfermeira ainda mais orgulhosa

do que construíra como família, “*eu vou ser médica quando crescer. eu vou cuidar das pessoas que tão dodói, né mãe?!*”, profetiza. Os filhos, por sinal, acompanham a mãe durante a entrevista. Os mais novos nos apresentam a outros moradores da casa, um coelho e uma tartaruga, “*o coelho é bem bagunceiro, a tartaruga é mais na dela*”, comenta Júlia.

Ainda sobre a família, o tempo, compondo mais uma de suas peças, trouxe à Natalina uma oportunidade rara: a de vacinar o próprio filho. O sortudo foi o primogênito, Pedro, de 14 anos, em setembro de 2021. “*foi uma alegria muito grande eu, como enfermeira, poder aplicar a vacina nele. é um alívio saber que mais um da minha família está protegido, além de mim e do meu marido*”, conta Natalina com orgulho.

À época de nossa conversa, Bauru ficou boas e longas semanas sem registrar mortes pela doença. Além disso, os dados apontavam que mais de 60% dos moradores estavam imunizados com ao menos uma dose. Já no início de 2022, em janeiro, esse índice foi de 85,5%. Mas nem sempre foi assim. A chegada de novas vacinas, como a *Oxford/AstraZeneca*, *Pfizer* e *Janssen*, em junho de 2021, deu, sim, a possibilidade de ampliar a vacinação, mas também trou-

xe um problema que afetou consideravelmente os profissionais da linha de frente.

Muitas pessoas passaram a querer escolher o imunizante. *“é até engraçado, logo quando começou a vacinação, a população ficou muito apreensiva. haviam os que queriam a vacina logo e os que duvidavam dela. muito desacato, pessoal não entendia como estava funcionando o fluxo de vacinação. quando chegaram essas novas opções de vacinação, além da CoronaVac, aumentou consideravelmente o número de pessoas que queriam escolher. já fui até ameaçada, do pessoal chamar a polícia afirmando que estávamos negando a vacina”*, relembra Natalina.

É difícil explicar como um país com o maior e mais completo programa de vacinação do mundo, o Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973 — antes mesmo da criação, em 1988, do Sistema Único de Saúde (SUS) — foi desmontado até o ponto em que chegou hoje. O Brasil, fragilizado em seu financiamento às pesquisas científicas, com ataques à imagem e ao orçamento de suas instituições de pesquisa, sobreviveu, ao menos parte dele, a esse momento. Isso sob muita luta.

Estivemos diante de uma onda negacionista que tomou conta do país, tendo como principal sintoma

a autoridade máxima do Executivo. Medidas de mitigação da pandemia foram não somente desprezadas, mas combatidas, inclusive a imunização. O início da campanha de vacinação, acompanhado de perto por Natalina, foi marcado pelo atraso de Insumos Farmacêuticos Ativos (IFAs). Foi quando descobrimos nossa total dependência da produção chinesa. A falta de investimento na cadeia produtiva do conhecimento, como projeto de desenvolvimento nacional, ficou evidenciada e merece uma correção de rumo pelas autoridades que verdadeiramente se importam com o país.

Após meses de intenso trabalho das sociedades científicas e dos profissionais da saúde contra as *fake news* e a falta de uma campanha oficial de imunização, é preciso reconhecer que, felizmente, a maior parte da população quer ser vacinada. A essa altura, 30% dos brasileiros já tomaram a dose de reforço. Com o avanço, é natural que muitos acreditem que a pandemia acabou, embora estejamos vivenciando um aumento de casos em virtude da variante ômicron.

Em meio à negação, Natalina faz questão de defender aquilo que a tranquilizou não apenas enquanto profissional, mas também como cidadã de uma sociedade. Didaticamente, ela nos relembra que a vacina

não impede o contágio e que nenhuma delas é 100% eficaz, mas ameniza a doença e, sobretudo, melhora a vida de quem está lá todos os dias esperando o tempo passar. *“a vacina é a única capaz de controlar a pandemia. confie 100% na eficácia de cada uma para amenizar casos graves. tenha consciência de evitar reuniões com grande quantidade de pessoas, higienize as mãos e faça sua parte. a pandemia não acabou”*, orienta como cidadã e profissional da saúde. *“é o dever cívico do nosso tempo”*.



B732q

Borges, Marina Aulicínio

E quem não parou? : histórias de trabalhadores que não pararam durante a maior crise sanitária do século / Marina Aulicínio Borges. -- Bauru, 2022

98 p. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Comunicação Social: Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru  
Orientador: José Carlos Marques

1. Trabalho. 2. Pandemia. 3. Covid-19. 4. Jornalismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

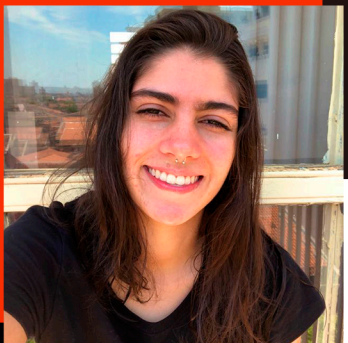
Essa ficha não pode ser modificada.

*E quem não parou?* conta histórias de trabalhadores que não pararam durante a maior crise sanitária do século. Profissionais que não puderam fazer isolamento social no período da pandemia de Covid-19 são retratados de maneira intimista e fiel às suas realidades. Nesse livro, conhecemos a empregada doméstica “Dinha”, o vendedor ambulante Silvio, o porteiro “Osni”, as entregadoras de delivery Adrielle e Isabella, a motorista de aplicativo Talita e a enfermeira Natalina. Todos, de alguma forma, estiveram conectados por meio da ininterrupção do exercício de seus ofícios — servindo à sociedade em um período em que era difícil servir a eles próprios.

# SOBRE OS AUTORES



Nascido no dia 8 de maio de 1999, Luís Ricardo da Silva é bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), com trabalhos em assessoria, rádio, mídias digitais e TV. Apesar de viver em Bauru-SP, é natural da baixada santista, no litoral de São Paulo, onde acumula as paixões de sua vida: família, Santos FC e praia.



Nascida no dia 26 de fevereiro de 1999, Marina Aulicínio Borges é bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), com trabalhos em redação, assessoria, rádio e mídias digitais. Natural de São João da Boa Vista-SP, tem Bauru-SP como casa desde a graduação. Além da escrita, é apaixonada por uma boa prosa, futebol e viagens.